

DESINDUSTRIALIZAÇÃO

Confecções: um setor que está ameaçado de extinção no Estado

Mais custo-Brasil, dólar barato e isenções de outros Estado estão matando essa atividade

MIKAELLA CAMPOS
malmeida@redgazeta.com.br

A indústria de confecção capixaba está num caminho tortuoso. Para ganhar competitividade, as empresas têm diminuído a produção para comprar peças semiprontas de países como China, Peru e Colômbia.

Três fábricas, as maiores do Estado, entraram nesse processo de importar mercadorias do exterior. Entre as empresas está a Cobra D'água, que hoje traz da Ásia 100% das mochilas que levam sua marca, além dos tecidos sintéticos utilizados na confecção.

A subcontratação de empresas de outros países é apenas a ponta de um problema muito mais profundo que abala o setor. Com o câmbio fora do lugar, o vestuário está sem fôlego para fazer frente às mercadorias de fora, que são muito mais baratas.

Outro agravante é que as fábricas do Espírito Santo encontram dificuldade para concorrer com polos de outros Estados brasilei-



DIVULGAÇÃO

INACEITÁVEL



"A situação está se agravando. É inaceitável que fábricas brasileiras fechem as portas devido à importação de peças do exterior"

PAULO VIEIRA
PRESIDENTE DA CÂMARA DO VESTUÁRIO

Situação vai levar à demissão de muitas mulheres, que dependem da atividade para sustentar a família

ros, onde a indústria vive a base de isenções fiscais.

Como alternativa a essa crise, as empresas precisam importar as mercadorias para reduzir os custos. Segundo o presidente da Câmara do Vestuário, Paulo Vieira, apesar de as vendas no comércio estarem aquecidas, as fábricas não tem

suportado o alto custo de manutenção dos negócios.

COMPARAÇÃO

O reflexo dessa instabilidade já começa a ser percebida com os últimos dados de crescimento do setor. Enquanto a indústria de extração avançou mais de 35%, o setor de transfor-

mação regrediu em 1,5%.

"Estamos estagnados desde 2007. Por conta dos altos impostos, as fábricas não conseguem recursos para investir em tecnologia e não têm capacidade de crescer para gerar mais empregos e alcançar novos mercados. É preciso tomar uma atitude rápida, se não

vai ocorrer uma desindustrialização no Espírito Santo e em todo o país".

No Estado, o setor de confecção emprega mais de 30 mil pessoas, sendo 85% dessa mão de obra composta por mulheres com baixa escolaridade.

O vice-presidente da Confederação Nacional da

Indústria (CNI), Lucas Izoton, afirma que hoje 37% das peças de vestuário vendidas no Brasil são do exterior. "Esse índice vai chegar a 50% pois muitas empresas estão diminuindo o volume de trabalho. Isso atrapalha até as micro e pequenas empresas que prestam serviços para as grandes indústrias".

UMA TRISTE REALIDADE

Por que a indústria de confecção capixaba importa peças semi-prontas de outros países?

Custo de produção

Uma camisa de R\$ 3,60 importada do Peru chega ao Brasil com o custo de R\$ 9,00

A mesma camisa produzida no Brasil, devido aos impostos e os encargos trabalhistas, tem o custo de R\$ 15,60

O encargo com a mão de obra por hora

R\$ 2,56 na China R\$ 8,00 no Brasil

O que o Brasil compra (participação no mercado)

Roupas 37% Tecidos 37% Mochilas 90%

De onde vêm as peças

China Peru Colômbia

Os impostos

O Espírito Santo dá benefícios fiscais como redução de 17% para até 7% de ICMS

O incentivo não é o suficiente para deixar o mercado competitivo. Estados como Goiás, Paraná e Ceará oferecem isenção de ICMS

O setor da moda do ES em números

2 mil empresas, sendo 1,3 mil de confecção e o restante têxtil, de calçados e acessórios

30 mil pessoas empregadas em toda indústria

A SITUAÇÃO DA INDÚSTRIA

Faturamento

Variação Jul-2010/Jul-2011

Produção têxtil	-10%
Confecção e acessórios	2,2%
Comércio de vestuário	24,2%

Produção

Variação Jul-2010/Jul-2011

Indústria geral	11%
Indústria extrativa	35,9%
Indústria de transformação (confecção, vestuário, têxtil, etc)	-1,5%
Minerais não metálicos	14,9%
Celulose e papel	5,2%
Alimentos e bebidas	1,2%

A Gazeta - Ed. de arte - Genildo/Gilson

Indústria cobra menos imposto estadual

A solução para colocar as fábricas de vestuário do Espírito Santo na briga por mercado é a redução da carga tributária.

Hoje, o governo do Estado tem o programa Compete, que oferece incentivo fiscal a várias empresas, inclusive as de confecção. Em vez de 17%, al-

gumas indústrias pagam alíquota de 7% de ICMS. Mas, apesar do incentivo ser expressivo, o setor de confecção acredita que ainda não é o bastante.

O problema é que muitos Estados reduziram para zero o índice de cobrança do imposto estadual.

O secretário de Desen-

volvimento Econômico do Estado, Márcio Félix, afirma que será estudada uma forma de ajudar o setor de confecção a sair do momento vulnerabilidade.

"Temos uma agenda com a Federação da Indústria do Espírito Santo (Fides) para saber exatamente as dificuldades. É preci-

so tomar medidas além de dar isenções fiscais. O maior desafio é tornar todos os setores mais inovadores e competitivos".

O setor têxtil e de confecções do Brasil é o quinto maior do mundo, representa 3,5% do Produto Interno Bruto (PIB) do país e é o segundo maior empre-



Márcio Félix afirma que estuda forma de ajudar

gador da indústria de transformação nacional, só perdendo para as de alimentos e bebidas.

Reune mais de 30 mil empresas que empregam 1,7 milhão de pessoas. No ano passado, o setor faturou US\$ 52 bilhões, mas registrou um déficit de US\$ 3,5 bilhões, segundo a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit).